

Um credor pragmático

GAZETA MERCANTIL 3 AGO 1992

por Celso Pinto
de Londres

Sir Jeremy Morse, presidente do Lloyds Bank, na condição de mais bem sucedido banqueiro britânico e maior credor brasileiro, está acompanhando a crise política brasileira com relativa tranquilidade. Ele não acredita que mesmo na hipótese do afastamento do presidente Fernando Collor a direção da política econômica será alterada.

"Por que estou dizendo isso?", indaga retoricamente. "Porque não acredito que a política econômica brasileira tenha qualquer outro caminho a percorrer senão a trilha comum não só a outros países latino-americanos mas ao mundo inteiro, mais orientado para o mercado, com maior disciplina, menor inflação, mais apoio à exportação, aos investimentos e assim por diante", argumentou Sir Jeremy numa



Jeremy Morse

extensa entrevista a este jornal, sexta-feira, na sede do banco, na City londrina.

Atento observador do Brasil, onde esteve duas vezes no ano passado e para onde voltará em novembro deste ano, Sir Jeremy sabe que será difícil o Brasil cumprir integralmente o programa de ajuste do

FMI, pressuposto para que o acordo com os bancos se viabilize. Mesmo assim, acha que vale a pena tentar.

"Grandes questões econômicas são grandes demais para serem cumpridas 100%", admite com um surpreendente pragmatismo para um banqueiro credor. "Mas é muito melhor tentar cumprir 70 ou 80% do que não tentar de forma alguma", sustenta, contrariando a opinião de alguns de que, dada a baixíssima probabilidade de o Brasil cumprir o programa de ajuste, melhor teria sido os bancos não terem feito acordo algum com o País.

Ele acha que um dos problemas do Brasil, hoje, é que ele perdeu a coesão tradicional. "Recentemente surgiram mais áreas de tensão entre o presidente e o Congresso, entre São Paulo e Brasília, entre o Norte e o Sul", exemplifica. Mas está convencido de que fatos políticos, por mais terríveis que sejam, "mexem com a superfície, o centro da direção econômica permanece". Cita como exemplo a morte de Tancredo Neves.

Presidente do Lloyds há quinze anos, Sir Jeremy ajudou a criar a crise da dívida, nos anos 70, e a tentar superá-la nos anos 80. Maior credor do Terceiro Mundo, ao lado do banco

Midland, Sir Jeremy recusou-se a vender a dívida no mercado secundário a qualquer preço. Primeiro, como ele mesmo relata, porque a dívida era tão grande que não daria para absorver de uma vez o prejuízo. Mas também porque Sir Jeremy, contrariando a posição de outros bancos, apostou que as cotações da dívida no mercado secundário estavam excessivamente baixas, há alguns anos.

Foi uma bela aposta. Por ter esta posição, o Lloyds, ao contrário de outros bancos, manteve um portfólio grande de dívida com países em desenvolvimento. A dívida com o Brasil, por exemplo, de US\$ 1,695 bilhão no final de junho, é quase idêntica ao valor no final de 1989, de US\$ 1,689 bilhão. Cauteloso e muito lucrativo, o Lloyds resolveu colocar

(Continua na página 35)

Um credor pragmático

por Celso Pinto
de Londres

(Continuação da 1ª página)

enormes provisões para perdas nesses empréstimos e esperar melhores dias.

Saiu lucrando. No final do primeiro semestre, o Lloyds tinha 930 milhões de libras (US\$ 1,767 bilhão) em excesso de provisões, ou seja, provisões acima do valor real da dívida no mercado secundário.

O banco lucró sólidos 369 milhões de libras no semestre (US\$ 701 milhões), possivelmente o maior lucro entre os quatro grandes bancos comerciais (dois ainda não revelaram seus resultados). O lucro foi generosamente engordado pela combinação da redução de 82 milhões para 41 milhões de libras, nas provisões para perdas com grandes empresas, e da li-

beração de 72 milhões de libras em excesso de provisões com o Terceiro Mundo.

Trocando dívida velha mexicana por bônus gerados pelo Plano Brady, com garantia para o principal e dezoito meses de juros, o Lloyds pôde liberar provisões e aumentar os lucros. Assim que o acordo com a Argentina e o Brasil for concluído, uma parte dos 930 milhões de libras restantes, que sir Jeremy diz ser difícil calcular, se transformará em lucros. Quanto mais a dívida desses países se valorizar no mercado mais o Lloyds lucrará.

Comprador no mercado, onde tentou, sem sucesso, absorver o Midland no primeiro semestre, o Lloyds ficará ainda mais forte graças à dívida externa.

Mesmo assim, sir Jeremy sabe que o banco não

sairá ileso da crise da dívida. Ferrenho opositor de esquemas que envolvem sem perdão da dívida nos últimos anos, ele hoje admite que, de uma forma ou de outra, o Lloyds acabará perdendo parte do dinheiro colocado no Terceiro Mundo.

Usando como paralelo a crise dos bônus do anos 30, que gerou a perda de 30% do principal "e de algum juro", ele diz que "não me surpreenderia se esse vier a ser o resultado líquido, considerando todos os países, da crise atual".

Ao contrário do Citibank, que se apressou em anunciar o final da crise da dívida quando o Brasil assinou o acordo em princípio com os bancos, sir Jeremy acha que ela não acabou, embora esteja "caminhando significativamente para uma conclusão". Para a solução, ele acha que foi impor-

tao tanto o fato de os países devedores terem aplicado políticas econômicas corretas quanto a forte queda recente nos juros americanos.

Por essa razão, não descartou a possibilidade de a crise voltar para alguns países, inclusive Brasil e Argentina, se os juros americanos subirem novamente. Um grupo de países como México, Venezuela, Chile e Colômbia ele considera imune a um novo tropeço.

Sir Jeremy é um banqueiro que foge do estereótipo. Considerado o mais culto e intelectualizado dos banqueiros privados britânicos, sir Jeremy, 63 anos, tem uma maneira afável, gosto pela discussão, interesses diversificados que incluem música, poesia e uma paixão por xadrez e palavras cruzadas. Ele inspirou a personagem princi-

pal criada pelo escritor Colin Dexter numa série, "Inspetor Morse", de enorme sucesso na televisão britânica, centrada num policial intelectualizado, amante de poesia, teatro e música e que obtém boa parte de suas pistas em palavras cruzadas.

Morse é também inusitadamente franco. Ele irritou seus pares, há alguns anos, ao confessar, num discurso, que jamais havia tomado um empréstimo em sua vida.

Ex-funcionário do Banco da Inglaterra (banco central), como outros presidentes de bancos britânicos, e ex-representante britânico no FMI, onde presidiu em 1972 o comitê que cuidava da reforma do sistema monetário, ele teve um pé na vida pública. Cotado para presidir o Banco da Inglaterra durante o governo de Margaret That-

cher, perdeu a chance que se comentou na por ter-se revelado jeito com idéias p. demais para o go primeira-ministra.

Alguns acham que dez com que os latino-americanos ram a recorrer mente ao mercado ceiro internacional, ser o berço de um crise futura. Sir admite que uma crise pode ocorrer não está preocupado enquanto, com o vol próprio Lloyds, diz e está investindo mente nesses países.

Se acontecer, a crivelmente não o trará mais no Lloy já anunciou que de banco entre o final ano e o do próximo. de, entre outras coisas, mais tempo para seu jardim.